

Flores da modéstia: o pretexto do vestido conservador católico

Flowers of modesty: the pretext of conservative catholic dress



Glicia S. Gripp¹
glicia@ufop.edu.br

Resumo

Este estudo é baseado em uma pesquisa sobre jovens mulheres do movimento da nova extrema direita católica que divulgam a moda modesta em blogs e vlogs, no Brasil. Pretende demonstrar que a adesão a um movimento religioso radical de direita se relaciona à apropriação de uma franja da religião católica para fins não apenas religiosos, mas também para a ideologia política e a afiliação cultural. A religião serviria como um repertório cultural, como um kit de ferramentas de habilidades e estilos, a partir do qual as jovens constroem suas formas de ação política. Essas jovens que escolheram a adesão à extrema direita católica celebram as crenças e não o que as crenças afirmam. Elas parecem fundar a validade da sua religiosidade na sua reputação espiritual e não no seu poder espiritual, daí a importância da aparência e das marcas distintivas.

Palavras-chave: *Sociologia da cultura; Extrema-direita, Catolicismo; Moda modesta.*

Abstract

This study is based on an investigation of young women from the new Catholic right movement who publicize modest fashion on blogs and vlogs in Brazil. It intends to demonstrate that adherence to a radical right-wing religious movement is related to the appropriation of a fringe of the Catholic religion for not only religious purposes, but also for political ideology and cultural affiliation. Religion would serve as a cultural repertoire, as a dynamic toolkit of skills and styles, from which young women build their forms of political action. These young women who have chosen to join the Catholic far right celebrate their beliefs rather than what their beliefs say. They seem to base the validity of their religiosity on their spiritual reputation rather than on their spiritual power, hence the importance of appearance and marks of distinction.

Keywords: *Sociology of culture; Far right; Catholicism; Modest fashion.*

¹ Doutoranda e Mestre em Economia Doméstica
Departamento de Ciências Sociais. Universidade
Federal de Ouro Preto.

Mas transformar a nave sagrada em campo de Farsália para os incautos Pompeus que lá vão, perdoe-me a senhora, é escrever a última palavra do catecismo do mal. Para entrar na casa de Deus não basta um vestido preto; é preciso uma alma nova, isto é, uma intenção pura. Dirá a senhora que a regra vale para outros pecadores igualmente reincidentes. Tem razão; mais razão terá se disser que esta sociedade não tem o espírito, mas o hábito religioso; — tem as obras, e não tem a fé, que está acima das obras. Machado de Assis. *Cartas Fluminenses*, 12 de março de 1867.

Introdução

Este artigo analisa as vestimentas das mulheres adeptas da nova extrema direita católica tal como descritas em blogs e vídeos no YouTube sobre moda modesta. Qual o sentido desse tipo de vestimenta? Por que a relação entre modéstia e um determinado estilo de vestimenta? Quais os processos pelos quais passam as jovens até adotarem a roupa modesta? Qual é o sentido para um grupo de jovens de usar determinado estilo de roupa que marca e define o grupo e que o contrapõe aos outros jovens da própria Igreja Católica e da sociedade na qual estão inseridos? O que leva as jovens a optarem por um determinado movimento que nega todas as lutas femininas e todos os avanços em relação à igualdade entre homens e mulheres? Por que jovens educadas, de camadas médias da sociedade, são atraídas por uma religião conservadora?

Esse conjunto de jovens divulgadoras da moda modesta faz parte de um movimento católico de extrema direita mais amplo, internacional, com grupos semelhantes nos Estados Unidos e em vários países da Europa, incluindo Portugal, França, Itália e Espanha. A expressão "extrema direita" é usada seguindo a orientação de Bobbio (1995), de que uma das características fundamentais da extrema direita é o anti-igualitarismo e o antiliberalismo, características encontradas no grupo brasileiro na pesquisa realizada; a palavra "nova" foi acrescentada para distingui-lo da extrema direita católica tradicional. É uma nova corrente que surge na passagem do século, entre 1980 e 2000. Na França, Brustier (2017) denomina uma corrente correlata como "tradismatiques", nome que inclui as duas correntes que se uniram para formar essa nova vertente do catolicismo: os tradicionalistas e os carismáticos. No Brasil, o movimento objeto das investigações também é formado do encontro dessas duas correntes católicas e utiliza como meio de atuação, principalmente, as redes sociais e as participações diversas em eventos e programas da Canção Nova, uma comunidade institucional da Renovação Carismática Católica, que tem um canal de televisão, e uma incrível divulgação em várias mídias em todo o país e em Portugal, principalmente entre os jovens.

Uma das características centrais desse movimento é o ativismo político, dentro e fora da Igreja. Estão nas portas dos hospitais contra o aborto, nas portas de exposições de arte e participam, no Brasil, de manifestações a favor do governo Bolsonaro (Ferraz e Barros, 2021). Assim, o movimento abre caminho para utopias teológico-políticas. Dentro da Igreja, o

ativismo é realizado em processos paralelos, no sentido de que não se encaixam nas diversas atividades institucionais, nem com a autorização da Igreja. Embora conte com a participação de padres, é um movimento paralelo, ou seja, não é institucional, não pertence à Igreja organicamente. Assim, eles são relativamente livres para o ativismo contrário aos membros da organização da Igreja Católica, especialmente bispos dos quadros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O movimento se vale, prioritariamente, das redes sociais para esse ativismo de ataque aos bispos e padres contrários às suas crenças.

A contestação da cultura: sobre o método e a teoria

Com os estudos sobre o fundamentalismo religioso, em fins dos anos de 1990 e início de 2000, pesquisadores começaram a prestar atenção à questão da participação das mulheres em movimentos religiosos tradicionalistas. Por que mulheres bem-educadas, de classe média, tornam-se atraídas e envolvidas com grupos religiosos que parecem destinados a perpetuar as desigualdades de gênero? A questão do envolvimento de mulheres em religiões tradicionalistas sugere problemas da secularização e do papel da religião no mundo moderno, e aborda algumas questões relacionadas ao gênero: a natureza e a dinâmica das relações de gênero contemporâneas e a negociação, realizada pelas mulheres, com os desafios da modernidade e da mudança social.

As respostas para essas perguntas podem ser agrupadas da seguinte forma (Avishai, 2008):

1) Ao mesmo tempo que as mulheres estão envolvidas em experiências restritivas em religiões conservadoras, elas também são empoderadas ou liberadas pelas suas religiões. A afiliação religiosa empodera as mulheres ao mitigar os efeitos das estruturas da família patriarcal e das realidades dos duros mercados de trabalho, protegendo-as de problemas gerados pelas forças da modernidade;

2) O segundo grupo de respostas associa agência com subversão. Estudos demonstram que mulheres religiosas não aderem às prescrições religiosas cegamente, mas adaptam a religião à realidade de suas vidas, subvertem e resistem ao dogma oficial por meio de obediência parcial e interpretações individuais;

3) O terceiro grupo de respostas postula que as mulheres religiosas criam estratégias e se apropriam da religião

para fins não religiosos, como oportunidades econômicas, relações domésticas, ideologias políticas e afiliação cultural. Essa abordagem filia-se a uma tradição da sociologia da cultura defendida por Swidler (1986), que compreende a religião como um repertório cultural, como um kit de ferramentas de hábitos, habilidades e estilos, a partir do qual as pessoas constroem "estratégias de ação". A agência estaria localizada no uso estratégico e na navegação das tradições e práticas religiosas para atender às demandas da vida contemporânea. Esse quadro de conformidade estratégica estende a análise da agência além da dicotomização de subordinação versus subversão, empoderamento versus acomodação.

As características do objeto deste estudo se incluem no terceiro grupo de respostas. Trata-se de uma filiação em um movimento católico minoritário dentro do próprio catolicismo, uma filiação a um movimento com um viés mais ideológico. As mulheres adeptas ao movimento escolhem a sua filiação, não há nada e ninguém que as obrigue.

Swidler (1986) mostra-nos que o mesmo sistema de crenças pode ser sustentado por algumas pessoas como uma ideologia e, por outras, como uma tradição, e o que foi uma tradição pode, em certas circunstâncias históricas, tornar-se ideologia. Ela faz referência a Geertz, que mostra a perda da certeza religiosa tradicional no Islã moderno, ideologizado, que chega a manter suas crenças em vez de ser mantido por elas. Esse parece ser o caso do grupo das católicas de extrema direita. E é a hipótese principal deste artigo.

A autora mostra também que explosões de ativismo ideológico ocorrem em períodos em que formas concorrentes de organizar a ação estão se desenvolvendo ou lutando por dominação. A ideologia, segundo a autora, parece ser uma cultura contestada. Nesses períodos, as pessoas formulam, desenvolvem e colocam em prática novos hábitos de ação e, nessas situações, a cultura molda diretamente a ação:

Durante esses períodos, as diferenças na prática ritual ou na doutrina podem se tornar altamente carregadas, de modo que a estatuária nas igrejas, as roupas e estilos de pregação dos ministros, ou o estilo e decoração dos objetos religiosos são repletos de significado (Swidler, 1996).

A ascensão da nova extrema direita católica pode ser caracterizada por meio de uma manipulação simbólica, de forma "subterrânea", não institucional. É a construção de uma "Igreja paralela", virtual. Embora sejam pouco numerosos, adotaram uma forma de persuasão e manipulação dos sentidos, da percepção de mundo extremamente bem organizada e bem sucedida na internet e nas redes sociais. Implantam símbolos e ideologias e normalizam pontos de vista extremistas. Ao mesmo tempo, atacam a Igreja institucional e seus bispos. É um movimento com conexões intrincadas e translocalizadas² entre indivíduos e grupos que disseminam

pontos de vista da extrema direita católica por meio da mídia e das redes sociais.

Assim, a partir desse fundo teórico e de resultados de pesquisas anteriores, pretendemos estudar apenas uma pequena característica desse movimento da extrema direita católica: a moda modesta. E, para isso, faz-se um recorte de algumas características da moda modesta católica, tal como a encontramos nos *blogs* e *vlogs*: o que é moda católica (o vestido católico), a proibição da calça comprida e os rituais de transição à moda católica.

A amostra da pesquisa realizada é composta por 65 *blogs* de moda modesta católica e de 198 vídeos sobre moda modesta católica, no YouTube, postados entre 2012 e 2021. A investigação foi realizada entre 2018 e 2021. Como foi qualitativa, dentro do escopo da sociologia da cultura, o método utilizado foi a análise de conteúdo e de temática. Dos *blogs* e vídeos analisados, comparou-se os conteúdos – o texto escrito e falado, assim como as imagens – e buscou-se as regularidades, aquilo que possuem em comum. Por fim, como se trata de um novo objeto, o estudo é exploratório e descritivo.

Os *blogs* (*weblogs*), um gênero de comunicação mediada por computador, surgiram em fins dos anos de 1990 e início de 2000. São sites da internet atualizados frequentemente, nos quais o conteúdo – texto, imagens, arquivos de som e vídeos – são postados regularmente e apresentados em uma ordem cronológica reversa. Leitores frequentemente têm a opção de comentar em qualquer postagem. Por meio desses comentários e referências a outros recursos na internet nas postagens, bem como por links para outros *blogs* favoritos, eles formam uma rede aglomerada de textos interconectados, a "blogosfera".

Em geral, os sociólogos interpretam o crescimento do número de *blogs* como um símbolo da individualização de nossa sociedade. Mas, a ascensão da *blogosfera* pode ser vista como uma articulação original entre formas individuais e coletivas de construir identidades nas sociedades contemporâneas. Os *blogueiros* produzem conteúdo específico para alcançar outras pessoas e iniciar uma conversa com elas (Cardon e Delaunay-Téterel, 2006). Apresentam formas e estilos de vida que atraem outros com formas e estilos de vida semelhantes. E é esse segundo sentido que adotamos como uma das hipóteses: os *blogs* e os *vlogs* (uma variante dos *weblogs* ou *blogs*, cujo conteúdo principal consiste em vídeos) sobre a moda modesta católica funcionam como um encontro de católicas de extrema direita que estão espalhadas geograficamente e atuam como construtoras e mantenedoras de uma identidade católica integrista, o que não seria possível ser realizado presencialmente, na sociedade secularizada.

Swidler (1986) propõe um modelo de análise cultural que guia metodologicamente o artigo. Para a autora, a análise da cultura consiste em três etapas:

a) Primeiro, ela oferece uma imagem da cultura como

² Simpson (2016) analisa o movimento político de extrema direita na Alemanha e encontramos na nossa pesquisa uma organização muito semelhante na extrema direita católica. A palavra "translocalizada" refere-se à circulação de discursos, práticas e conhecimento em uma época globalizada e digital que contribui para a construção de identidades.

um "kit de ferramentas" de símbolos, histórias, rituais e visões de mundo que as pessoas podem usar em configurações variadas para resolver diferentes tipos de problemas.

b) Em segundo lugar, para analisar os efeitos causais da cultura, ela se concentra nas "estratégias de ação", formas persistentes de ordenar a ação ao longo do tempo.

c) Terceiro, ela percebe a importância causal da cultura não na definição dos fins da ação, mas no *fornecimento de componentes culturais* que são usados para construir as estratégias de ação.

A moda católica moderna: o pretexto da vestimenta

De acordo com Barthes (1978), há três vestidos distintos: o vestido-imagem, o vestido descrito e o vestido real. O vestido-imagem é a fotografia que se vê nos *blogs* de modéstia feminina, no caso em estudo, e o vestido descrito é aquele transformado em linguagem. Os dois conectam-se à mesma realidade, o vestido real, mas não possuem a mesma estrutura, pois não estão feitos com os mesmos materiais e esses materiais não possuem as mesmas relações entre eles. No primeiro, o vestido-imagem, os materiais são formas, linhas, superfície, cores e a relação espacial; no segundo, o vestido descrito, os materiais são palavras e a relação é lógica ou, pelo menos, sintática. Os dois não se confundem. O vestido real, por sua vez, remete a uma terceira estrutura, que não se confunde com as duas primeiras, apesar de ser modelo, guia e informação para elas. Esse último constitui-se nos traços dos diversos atos de fabricação, no nível da matéria e de suas transformações, não de representações e significados.

Para um mesmo objeto – o vestido conservador –, há três estruturas distintas: uma tecnológica, uma icônica e uma verbal. Para Barthes, estudar um vestido da moda seria estudar, primeiro, de maneira separada e exaustiva, cada uma dessas três estruturas: os atos, as imagens e as palavras, embora as três estruturas se mesquem para compor o objeto genérico, o vestido da moda modesta. Mas o estudo do vestido "representado" pela imagem e pela palavra, o vestido tratado pela revista de moda, pelos *blogs* e *vlogs* no atual estudo, oferece uma vantagem metodológica em relação ao vestido real: o vestido real é complicado por finalidades práticas que o vestido representado não exibe e, assim, pode-se ter acesso à pureza estrutural do objeto. O autor escolhe o vestido escrito porque não tem nenhuma função prática nem estética: ele está construído para uma significação. Mas não se trata, observa Barthes, simplesmente de analisar a linguagem da moda, mas desde o ponto de vista da estrutura do vestido ao qual a linguagem aponta. Trata-se de estudar o sobrecódigo imposto ao vestido real pelas palavras, já que as palavras assumem, nesse caso, um objeto que já é, em si mesmo, um sistema de significação.

Trata-se, neste estudo, não simplesmente do vestido modesto: é o vestido modesto escrito, o vestido modesto

fotografado e o vestido modesto real. E parece que há um deslocamento de significados entre os três vestidos – o vestido-imagem, o vestido escrito e o vestido real (a imagem, a fala e o ato). Eles não remetem ao mesmo significante. Ou seja, o vestido escrito se desvincula do significado original do vestido-imagem e assume um outro significado. Os grupos católicos conservadores escolheram um determinado estilo de roupas femininas (vestido-imagem) e lhe deram um outro significado (vestido escrito) diferente do original.

Este artigo não se relaciona à moda em geral, mas ao significado de um determinado estilo de vestimentas proposto por um grupo de pessoas (o vestido-imagem e o vestido falado). Esse grupo não pertence ao grupo produtor de moda, mas escolhe um modelo de vestimentas femininas saído de um grupo produtor de moda e o ressignifica ou o reenquadra, na expressão de Lakoff (2014). O mundo ao qual as vestimentas referem-se não é o mundo da moda, mas o mundo católico conservador, da nova extrema direita católica. Ao contrário da moda muçulmana, não há, ainda, uma indústria própria de difusão da moda católica. Por isso, o interesse deste trabalho é predominantemente nesse vestido imaginário, descrito nos *blogs* católicos de modéstia feminina.

Essa preocupação remete-nos ao que o antropólogo Gil Bartholeyns (2011) define como uma "cultura das aparências", ou seja, a uma mistura de uma concepção antropológica da pessoa, da escolha de materiais específicos, de práticas de aparência e de mitos de aparência. Trata-se daquilo que Lett (2016) denomina de "pretexto da vestimenta": falar de roupas para falar de alguma coisa mais ampla. A mesma autora (Lett, 2016) mostra-nos que o discurso sobre a vestimenta cristaliza o saber reprimido sobre gênero e sexualidade em nossa sociedade. Não se trata, neste trabalho, de lidar com a questão de gênero em geral, mas de compreender que a moda católica modesta é uma reação às discussões contemporâneas sobre gênero e, assim, ela traz, em si, uma questão de gênero. Por outro lado, como reação, a moda católica modesta também nos remete à questão da diferenciação não apenas de gênero, mas de grupos sociais. Em um comentário a um vídeo, uma moça afirma que tirou de seu guarda-roupa as roupas imodestas e que as doou para os pobres e, assim, além de se tornar modesta, fez uma boa ação. A modéstia é para ela e seu grupo.

No caso das católicas que aderem à moda modesta, observa-se que essa adesão é uma decisão individual. Apesar de haver, na Igreja Católica, advertências a respeito das vestimentas, essas são muito gerais, muito amplas, sem entrar em detalhes. Não há interdições e regras, como no mundo muçulmano.

Esse grupo de católicas que se denominam conservadoras opta por um estilo definido e não por outro. Ou seja, é possível vestir-se modestamente em vários estilos. Apesar disso, o grupo optou por determinado estilo. Há uma individualização externa – um grupo que se difere de todos os outros grupos católicos e não católicos –, e há uma igualização interna – todas as católicas modestas vestem-se de forma muito semelhante.

A moda modesta é, atualmente, uma parte do mundo

da moda em geral. Em matéria publicada em janeiro de 2020, na BBC Brasil, a moda modesta seria uma tendência ao redor do mundo. Na matéria, assinada por Megan Lawton, a moda modesta relaciona-se com o islamismo, ela teria saído das redes sociais de mulheres islâmicas para as ruas. Na *Cosmopolitan*, uma revista feminina norte-americana, em fevereiro de 2021, há uma reportagem sobre peças modestas "que você precisa ter em seu armário". Todavia, a moda modesta das católicas de extrema direita difere-se daquela dos *blogs* não religiosos em alguns sentidos: a recomendação em não usar calças compridas e no sentido da roupa.

A fé encarnada O vestido católico conservador

O vestido modesto católico é sempre composto por uma saia rodada, com a cintura marcada, no estilo da moda do pós-guerra, anos de 1950. As características principais dessa moda modesta dos *blogs* da amostra da pesquisa são as seguintes: saia rodada, abaixo dos joelhos, cintura marcada.

Foto 1: Vestido modesto.



Fonte da imagem: <https://www.facebook.com/mtcaticolica>, consultado em 02/06/2023.

Outras características variam de *blog* para *blog*, como a obrigatoriedade de mangas, o comprimento dos vestidos (sempre abaixo dos joelhos). Uma moda modesta poderia ser um vestido

camisa, por exemplo, fechado até o pescoço, de mangas e abaixo dos joelhos, reto. Ou um vestido linha A, reto. Mas, qual é o motivo da cintura marcada? Isso é explicado em vários *blogs*:

A questão das formas não é que elas devam desaparecer. Nada disso. É que elas não devem ser evidenciadas e as roupas justas, principalmente as calças, fazem isso com a mulher: evidenciam as formas. A figura feminina [...] é bela e deve se incentivar que apareça assim. Mas as formas não podem ser exibidas. Não é o caso de usar vestidos retos, "sacos de batata", que escondem a figura feminina. De jeito nenhum. O belo é usar uma roupa que demonstre a feminilidade, mas que ao mesmo tempo não deixe tudo à mostra. No caso de vestidos largos é bom usar um cinto ou faixa, para que mostre a figura feminina e não fique parecendo uma camisola, uma roupa largada, desleixada. Então para um visual modesto: figura feminina sim, formas evidenciadas não.

Claramente pode-se perceber a questão do gênero. A saia com a cintura marcada é o símbolo da distinção de gênero. Mostrar o corpo feminino, as formas femininas, é fundamental nessa moda modesta das católicas de extrema direita, embora o vestido escrito diga, quase sempre, o oposto.

O estilo preconizado nos *blogs* de moda católica de extrema direita pode ser classificado como *vintage*. O que é uma moda *vintage*? Em seu uso em relação às vestimentas, *vintage* diferencia-se de roupas históricas, antigas, usadas. No vestuário, o uso dessa palavra geralmente envolve o reconhecimento de um tipo ou modelo especial, e o conhecimento e apreciação de suas especificidades como ano ou período quando foi produzido e usado (DeLong *et al.*, 2005). A roupa *vintage* carrega consigo, assim, representações valorizadas de determinada época passada.

Vestir roupas *vintage* está primariamente envolvido com uma mudança de status e com uma reavaliação da vestimenta além da época original. Pode ser considerado como uma opção viável de expressar a individualidade. É uma *performance* de gosto, de conhecimento e discernimento encenado para determinado público que conhece do que se trata (Gregson *et al.*, 2001).

Teixeira (2014, p. 233), em um estudo sobre as mulheres evangélicas, indica como a divulgação por meio de imagens de um estilo de vestir "torna visível o movimento de subjetivação e de compartilhamento coletivo de cada desafio conquistado, contribuindo para dar forma ao processo de transformação do corpo feminino em corpo virtuoso". Da mesma forma, os *blogs* de moda modesta católica surgem como uma ferramenta que fornece o modelo – a forma – de um processo que transformará, segundo as católicas de extrema direita, o corpo feminino em corpo virtuoso.

Embora essa análise refira-se à questão estética, no caso das católicas de extrema direita, também envolve uma mudança de *status* que pode ser observada nos rituais de transição, que serão tratados posteriormente. A busca de um estilo de outra época não se refere a uma *performance* de gosto, no caso em questão, parece, entretanto, ter outro significado que será buscado ao longo deste trabalho. Mas, sim, é uma opção viável de expressar a individualidade e o pertencimento a um grupo distinto. É, contudo, uma *performance* encenada para

determinado público, o público católico e as "feministas". Parece que se refere também a uma sinalização de virtude.

Usar roupas *vintage* refere-se a usar aquilo que mais ninguém usa; refere-se a se apresentar bem enquanto todas as outras pessoas apresentam-se mal. A meta é ter um *look* distintivo e único. É satisfazer desejos pessoais, necessidades e motivações. É construir imagens a partir de contextos históricos, culturais e econômicos diferentes.

A moda dos *blogs* de modéstia católica é mais clara e consistentemente inspirada pelas vestimentas de meados do século passado, especialmente dos anos de 1950³. A moda feminina dessa época estava na interseção do otimismo pós-guerra e do ressurgimento de papéis de gênero mais tradicionais, pois muitas mulheres faziam a transição do local de trabalho, do trabalho durante os tempos de guerra, para a casa, de volta à vida doméstica. O estilo das roupas femininas da época refletiria esse retorno a um papel mais estável e tradicional (Tolkien, 2000). O mesmo se aplica às católicas da nossa amostra: a valorização do papel de dona de casa, esposa e mãe, a valorização da vida familiar. E isso pode ser inferido pelo próprio nome dos *blogs*: *Mulheres para casar*, *Donzela cristã*, *Quintal das flores*, *Mulher virtuosa*, *Menina modesta*, *Jovens preciosas*, entre outros.

Foto 2: Blog Flores da Modéstia



Fonte: <https://floresdamodestia.blogspot.com/>, consultado em 02/06/2023.

Se usar uma roupa *vintage* pode ser uma performance de gosto, de conhecimento e discernimento encenado para determinado público que conhece o que se trata, como afirmam Gregson *et al.* (2001), entre as católicas dos *blogs* de moda modesta, essa escolha aproxima-se do *kitsch*, esteticamente. Até os nomes dos *blogs* nos remetem ao *kitsch* ("*Donzela cristã*", "*Mulher virtuosa*", "*Mulheres para casar*"). Nos *blogs* de moda modesta católica não apenas as vestimentas sugerem o *kitsch*, mas as imagens ali apresentadas: de santinhos, de casas dos anos de 1950, e mulheres nas cozinhas, felizes, sorridentes ou no meio de um campo cheio de flores.

Milan Kundera (2005) afirma que os conceitos estéticos começaram a lhe interessar quando percebeu suas raízes existenciais. Eles são conceitos existenciais. Pessoas simples ou pessoas refinadas, continua o autor, inteligentes ou com pouca inteligência, são confrontadas, durante suas vidas, com "o belo, o feio, o sublime, o cômico, o trágico, o lírico, o dramático, à ação, às peripécias, à catarse [...] à afetação de gravidade, ao *kitsch* ou ao vulgar" (p.128). Esses conceitos são pistas que levam a diversos aspectos da existência inacessíveis por outro meio

além da estética. Assim, podemos inferir que a opção pelo *kitsch* refere-se a uma condição existencial ou a uma condição de vida.

Mas o que é o *kitsch*? É uma palavra usada geralmente nos estudos de estética para identificar uma categoria de objetos vulgares, baratos, sentimentais, que copiam referências da cultura erudita sem nenhum critério, e que se destinam ao consumo de massa.

Moles (1971) mostra-nos que o *kitsch* é um fenômeno social universal, de envergadura: "Não se trata de um fenômeno denotativo semanticamente explícito, constitui um fenômeno conotativo intuitivo e sutil. Constitui um dos tipos de relação que o ser mantém com as coisas, uma maneira de ser muito mais que um objeto ou mesmo um estilo" (Moles, 1971, p.11). O *kitsch* seria uma tendência permanente, ligada à inserção na vida de um certo número de valores burgueses, tendo sido criado pelo e para o homem médio. É um novo sistema estético ligado à emergência da classe média e da civilização de massa. O *kitsch* está presente nos anões de jardim e nos *souvenirs* das lojas de locais turísticos, incluindo aqui o turismo religioso. O campo privilegiado do *kitsch* é a esfera privada, o apartamento, o jardim, a esfera pessoal do indivíduo onde se exerce a sua relação com as coisas.

No romance "A insustentável leveza do ser", Milan Kundera escreve:

O kitsch faz nascer, uma após outra, duas lágrimas de emoção. A primeira lágrima diz: como é bonito crianças correndo no gramado! A segunda lágrima diz: como é bonito ficar emocionado junto com toda a humanidade, diante de crianças correndo no gramado! Somente essa segunda lágrima faz com que o kitsch seja o kitsch (Kundera, 1985, p. 253).

Assim, Kundera associa o *kitsch* ao sentimentalismo. Solomon (1991) trata de uma variedade peculiar do *kitsch*, que ele denomina de *sweet kitsch*, que pode ser traduzido como "*kitsch* encantador". Essa vertente apela, sem sutileza e sem desculpas, a sentimentos suaves, amáveis, encantadores, mais doces, especialmente sentimentos suaves de gentileza e simpatia e a paixão calma do prazer. Nas descrições do vestido conservador nos *blogs* de moda modesta católica há esse tipo de sentimentalismo: a mulher deve ser feminina, bela, suave e delicada.

Foto 3: Foto retirada do site Católica modesta.



Fonte: <https://catolicamodesta.com.br/colecao-estrela-da-manha/>, consultada em 02/06/2023.

³ Encontramos uma única referência à moda dos anos 50 na amostra da pesquisa: "Quando ouvimos falar em modéstia já pensamos nas roupas, em saias para ser mais exato. Nos anos 50 as roupas femininas eram projetadas para lembrar às mulheres de que elas eram mulheres, o que nos dias atuais já se perdeu" (Blog Garotada Católica).

Mas o que nos leva a associar a moda católica modesta da extrema direita católica ao *kitsch*? Porque ela é uma cópia de algo que já aconteceu no passado, evoca sentimentalismo, sentimentos suaves, doces. Longe de lembrar algo sofisticado ou requintado, ela causa estranhamento.

A relação entre moda, vestimentas e a Igreja Católica já ocorreu anteriormente, em outros países. Nos anos de 1950, a Igreja estava particularmente preocupada com as roupas femininas, pois a sociedade mudava rapidamente e criou-se, na instituição, a necessidade de retomar o controle. Jay (2002) trata de um movimento de moda católica modesta nesta década. Em um desfile nos Estados Unidos, em uma escola católica, as moças associaram a Virgem Maria – uma mulher atrativa e bela, mesmo reservada, que atrairia todos os olhares ao fazer compras no *shopping center* de Nazaré (p. 177) – à espiritualidade e à moda. Essa perspectiva de estar na moda com Maria ganhou a aprovação do clero. As adolescentes católicas de classe média se apropriaram da moda de consumo e construíram uma identidade religiosa urbana que vestia e expressava sua piedade, sem desprezar a moda contemporânea. Essas garotas desse desfile de moda, com a perspectiva de “estar na moda com Maria”, segundo a autora, faziam parte de um amplo movimento nacional, nos Estados Unidos, que integrava questões religiosas com a cultura comercial. As cruzadas de modéstia eram motivadas espiritualmente, mas também necessitavam ser compreendidas como parte de uma florescente cultura jovem, obcecada pela moda e pelo estilo, centrada na prosperidade e nas possibilidades de consumo. O estilo tornou-se uma manifestação ou um símbolo de diferença, uma maneira para as adolescentes comprarem um sentimento de identidade. Assim, foi criado um sentido de estilo católico dentro desse mercado emergente de identidade, permitindo aos adolescentes perceberem a si mesmos como uma categoria separada, e muito importante, dentro da Igreja e encorajando os membros a usar as escolhas da moda para ajudá-los a definir seu próprio sentido religioso. Para as adolescentes da década de 1950, a mensagem difundida era de que o sucesso feminino era definido pelos looks – a maquiagem correta, o vestido da última moda, a pele mais suave, o corte de cabelo mais elegante –, não pelas habilidades intelectuais ou valores religiosos (Jay, 2002, p. 179).

As *blogueiras* atuais da moda modesta voltam-se à mesma moda daquela época e fazem, também, a relação entre a Virgem Maria e a moda, embora não tenham imaginado, como as adolescentes norte-americanas dos anos de 1950, a Virgem Maria fazendo compras em um *shopping center* ou com um vestido de linho bege com cinto azul-marinho. Em todos os *blogs* estudados, o vestir-se bem é seguir Maria e agradecer a Deus:

O maior respeito que uma mulher pode ter é ser vista sim como “algo intocável”, algo puro, de beleza e porte angélico e por fim, ser vista como reflexo da Virgem Santíssima. Por que eu enfoco o “reflexo da Virgem Santíssima”? Porque Ela sim é Modelo Supremo de Feminilidade e Perfeição Feminina. Quer ser agradável a Deus? Seja como Maria! Em tudo e em todo lugar!

Não há uma indústria e um comércio desenvolvidos de moda modesta católica, como nos anos de 1950, nos Estados Unidos, nem como a roupa modesta das muçulmanas atualmente. Contudo, muitos *blogs* vendem roupas modestas, especialmente as saias rodadas e os véus para esconder os cabelos. É um comércio e uma produção ainda artesanal, pois essa moda é muito restrita a um pequeno grupo de jovens católicas e se difere de outras modas modestas. Depreende-se que essa volta às roupas femininas dos anos de 1950 significam mais do que os vestidos reais e do que os vestidos-imagem, é uma tentativa de resgatar valores femininos e valores católicos daquela época. Com a volta a esses valores, elas se contrapõem, inclusive visualmente, aos valores contemporâneos, à igualdade entre homens e mulheres. A moda é um pretexto. Por isso, a impressão, ao visitar os *blogs*, é de uma ideia fora do lugar, para usar a expressão de Roberto Schwarz. Essa inadequação está presente na descrição do *kitsch*, que é a ascensão do não autêntico, da cópia, do simulacro. Por outro lado, essa moda modesta das católicas de extrema direita é também uma moda para impressionar e para delimitar um determinado grupo.

Estudos e documentos oficiais sobre modéstia e moda desaparecem com o Concílio Vaticano II, com a vitória do setor progressista, especialmente no Brasil. A ditadura militar fortaleceu esse movimento e eclipsou os conservadores. Esses últimos começam a sua tentativa de retomada do poder no campo católico nas décadas de 1980 e 1990, especialmente com o surgimento da Renovação Carismática Católica. E, então, aparece no cenário católico a preocupação com as vestimentas e com a moda modesta.

Resumindo, podemos inferir, a partir dos dados obtidos na pesquisa, que a moda modesta das católicas de extrema direita tem as seguintes características: é uma cópia, um simulacro da moda dos anos de 1950; sugere a volta das mulheres à vida familiar; marca a modelagem como a distinção de gênero; evoca sentimentalismo; é um estilo *vintage* e apresenta características do *kitsch*; parece ser uma marca de superioridade moral em relação aos indivíduos de fora do grupo, principalmente dentro da própria Igreja Católica; parece ser pensada para ser uma distinção, para separar o grupo dos demais grupos católicos.

A proibição da calça comprida para mulheres

A moda modesta católica não se refere apenas ao pudor, ao ato de esconder o corpo, mas também, e principalmente, a se diferenciar dos homens. A interdição do uso de calça comprida é outra característica comum aos *blogs* e *vlogs* estudados.

Na maioria dos *blogs* e dos vídeos no YouTube sobre a moda católica modesta, a proibição da calça comprida é destaque. Uma das fontes de referências para esses *blogs* e vídeos é o Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, uma das importantes lideranças do movimento, vejamos o que ele tem a dizer sobre

isso. O uso feminino da calça comprida seria, para o padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior (2013), uma estratégia do que ele chama de "reengenharia social", que daria à mulher "uma falsa liberdade e poder, muda a sua natureza e destrói a dignidade que lhe foi conferida pelo próprio Deus".

A *blogueira* do canal do YouTube "Veritas Perpetua" afirma que as roupas contemporâneas para mulheres não são femininas, são muito masculinas. Assim, não existe mais diferença entre roupas masculinas e femininas. Segundo a moça, analisando todas as mudanças ocorridas na história das calças para mulheres, calça não seria uma roupa feminina. Na continuidade, ela se pergunta se não seria lícito usar pantalonas que são largas e parecem saias. A resposta que ela fornece é que uma coisa é ver a foto de uma roupa e outra é a roupa no cotidiano:

O que é uma calça? (risos) Ela tem uma costura entre as pernas e uma saia não tem isso. Uma calça tem isso, todas as calças têm isso. Então, quando a mulher se abaixa com uma calça, mesmo que ela seja super larga, ela vai marcar o corpo da mulher. Vai marcar partes que são consideradas partes vergonhosas, que não devem ser ressaltadas de maneira alguma. Então, este é o problema.

Todavia, nem toda saia seria modesta, de acordo com o vídeo. Há saias não modestas. Saias modestas são saias godê, comprida, midi ou longa. E, com esse tipo de saia, se a mulher se abaixa, não marca o corpo. A virtude da modéstia refere-se, assim, a esconder o corpo, "para que a alma possa resplandecer, possa aparecer com mais facilidade". A calça não seria uma roupa que ressalta a feminilidade e a beleza da mulher.

Em todos os *blogs*, a interdição das calças compridas está relacionada a agradar a Deus e imitar Nossa Senhora, além de diferenciar mulheres e homens e esconder algumas formas corporais – não todas, pois, para as blusas não há nenhuma recomendação além de mangas e não ter decote, ou seja, podem ser justas e mostrar as formas do corpo.

Ressaltar a feminilidade é algo que se encontra em todos os vídeos e *blogs*. A roupa precisa ser modesta, sem mostrar o corpo, mas precisa ressaltar a feminilidade. Daí vem a cintura marcada, constante na moda modesta católica, que é diferente da moda modesta muçulmana e da evangélica. Para as jovens da extrema direita católica, a distinção entre homem e mulher é fundamental:

Nós pertencemos a uma geração que, infelizmente, foi acostumada ao uso de roupas masculinas e também unissex. No Ocidente, as calças compridas são parte do vestuário masculino. O Cardeal Siri, em sua notificação às mulheres que se vestem com roupas de homem, como que prevendo o futuro, abordou pontos importantíssimos, dizendo que as roupas masculinas ferem a mulher de três modos: i) mudando a sua psicologia, ii) viciando a relação entre os esposos, iii) ferindo a dignidade da mãe diante de seus filhos.

Até o argumento de que uma beata, em processo de canonização, usava calça comprida, não as demove da meta de condenação desse tipo de roupas:

Longe de negar as virtudes da beata Chiara Luce, mas a beatificação certamente não é infalível. E isso é consenso entre os teólogos. A Igreja não considera a beatificação como algo infalível, e certamente está abaixo dos Santos Canonizados pela Igreja. Ninguém é obrigado a venerar todos os beatos e santos. Não estou a negar que a Beata Chiara esteja no céu, ou não tenha tido suas virtudes, muito pelo contrário, admiro a luta e a entrega total ao Senhor nos seus últimos momentos de vida. E essa virtude heroica foi o motivo de sua beatificação, e não as calças que usava. A beatificação dela se deve a ter aceitado bem a doença. As pessoas realmente não compreendem que a beatificação ou santificação não envolve aprovar tudo o que o santo fez, sobretudo se a santidade está em certos aspectos do fim da vida.

Em outro vídeo, uma moça conta sua dificuldade em abandonar as calças compridas:

Mas usar só saia? Eu não consigo. Eu sei que não consigo. Para quem não sabe, eu uso só saia hoje. [abre um largo sorriso] [...] eu achava que saia não facilitava a vida, algumas coisas do tipo agilidade. Como vou me movimentar só de saia? Os afazeres mais práticos? Na minha ideia, isso não era possível. Então eu descartei. E foi uma decisão. Eu vou me vestir melhor, mas não vou usar só saia. Eu tinha tomado a decisão de não praticar a virtude da modéstia de forma completa.

A moça, muito jovem, parece sincera. E, sim, as saias impedem agilidade e atividades práticas das mulheres contemporâneas. É impossível imaginar uma engenheira ou arquiteta em uma obra usando uma saia. Pode-se pensar o mesmo de uma médica ou uma veterinária. Subir em ônibus lotados, fazer compras em supermercados, tudo isso é mais difícil quando se usa saia, mesmo uma saia ampla. Imaginemos trocar um pneu de um carro. Essa possibilidade – dirigir um carro e ter problemas com pneu furado – parece não contemplar as mulheres católicas.

Bourdieu (1999, p. 39) cita o uso de saias como parte de um confinamento simbólico, que mantém as mulheres em uma "espécie de cerco invisível", que limita o território dos movimentos e deslocamentos do corpo. As roupas modestas não só dissimulam o corpo – o que está bem claro em algumas falas de alguns vídeos –, mas os chama continuamente à ordem com algo que limita os movimentos ou impede ou desencoraja certos tipos de atividades. As roupas modestas fazem um movimento em direção à contenção das moças, de seus corpos e de suas atividades. Mesmo que elas afirmem que continuam fazendo as mesmas coisas que faziam antes de adotarem esse estilo de roupas, como em um comentário ao vídeo que analisamos:

Salve Maria!

Que lindo testemunho.

Eu também sou Escrava da Santíssima Virgem Maria e minha vida mudou completamente depois da consagração. Também só uso saia e sou professora de educação física, e claro, uso saia pra dar aula haha. Graças a Deus dou aula em um colégio católico, então, todos me aceitam tranquilamente dando aula de saia, e saia até o pé. Meus alunos no começo achavam estranho, porque ninguém imagina uma professora de educação física dando aula de saia e ainda mais longa kkkk. Hoje eles estão super acostumados e acham o máximo.

Pratico atividade física também de saia longa, faço balé, corro, faço funcional, dou aula de ginástica rítmica, esportes, ando de bicicleta, vou na praia, piscina... Enfim, é questão de costume e decisão. Pra quem não quer, qualquer desculpa serve! Que Nossa Senhora nos ajude a ser perseverantes no caminho da modéstia.

Mesmo que se tenha dúvidas da veracidade desse depoimento, se ela faz realmente o que escreve – balé, corrida, ginástica rítmica, andar de bicicleta – com saias longas, ela o faz à custa de muitos malabarismos corporais e mentais (é preciso estar atenta e alerta o tempo inteiro), correndo o risco de acidentes. Mas, mesmo que não seja verdade, a fala expressa uma vontade de renúncia e sacrifícios. Assim, a moda modesta das católicas de extrema direita traz a ideia de sacrifício e de renúncia.

Pode-se perceber claramente nos vídeos o processo de reenquadramento da calça comprida feminina, de uma roupa normal, prática, a uma roupa pecaminosa:

A roupa que define a feminilidade é uma saia. Toda aquela fluidez, o balanço. Como mostra a essência da mulher, uma saia, um vestido. Aquela coisa mais delicada, mais essência de mulher. Então, eu comecei a observar isso e entender como era mais bonito, mais exemplo de mulher. Tem também a questão de que Nossa Senhora não usava calça. Como seguir o exemplo de Nossa Senhora?

E, o primeiro passo em direção à moda modesta, que é um processo de conversão, é eliminar a calça comprida:

Nosso Senhor me inspirou a compartilhar com vocês o passo-a-passo de como tornar seu guarda-roupa modesto. Não é uma tarefa difícil, contudo, requer tempo e criatividade. Então, vamos lá? Antes de tudo, é importante lembrar que estamos fazendo isso na intenção de imitar a Virgem Santíssima e para agradar a Nosso Senhor. Sendo assim, antes de começar a mudança, é bom rezar pedindo que o Espírito Santo nos ilumine e nos inspire. O primeiro passo para tal mudança é extinguir as calças do guarda-roupa. Muito já foi falado, tanto aqui como em outros blogs, o quão estranho é a calça para a natureza da mulher (tal qual é a saia para o homem). Insisto nessa tecla, pois vivemos em um mundo onde a mulher está cada vez mais masculinizada e sexualizada, perdendo, assim sua feminilidade natural. Por isso, a primeira coisa que devemos fazer é acabar com as calças, e usar somente saias e vestidos (modestos, é claro).

Como se vestir de significados: a transição

Há muitos vídeos e textos sobre a "transição", o tempo de passagem entre um guarda-roupa "normal" para um guarda-roupa modesto. Frequentemente, toma a forma de depoimentos.

A palavra "transição" significa a passagem de um lugar, de um estado de coisas, de uma condição a outra. Ela é muito utilizada no universo feminino das redes sociais para significar a passagem de uma condição de beleza considerada artificial para outra considerada natural. Por exemplo, a transição capilar refere-se à fase em que a mulher deixa de usar produtos químicos para alisar seus cabelos e assume seus cabelos naturais. Há muitos vídeos, blogs, revistas para ensinar o que fazer nessa fase, assim

como para encorajar as mulheres. Também há muitos vídeos, blogs, revistas, artigos de jornais sobre a transição para cabelos brancos; as mulheres que pintavam os cabelos para esconder os fios brancos fazem uma transição para deixar as tintas e assumir os cabelos na cor em que estão. Também aqui há vídeos, matérias, textos encorajando e dando conselhos sobre o que fazer durante esse momento de tempo entre um estado artificial, considerado negativo, e um estado natural, considerado positivo, libertador.

Em todos esses casos, a transição tem um significado de um período no qual se transita para uma libertação, de uma vida presa a convenções a uma vida livre, natural. De um estado no qual a beleza – porque se trata de beleza – tem um significado e características definidas a outro estado no qual a beleza assume outros indicadores. O período de transição é um período no qual se faz, também e principalmente, mudanças cognitivas, de percepção, de classificação, de codificação e gosto. Entretanto, é considerado um período de sofrimento, por ter que suportar a feiura, suportar não ser nem uma coisa, nem outra.

Os temas tratados, em todos os casos de transição que analisamos durante a pesquisa, são os seguintes: motivos para fazer a transição; como lidar com as críticas; como acelerar a transição; como lidar com as inseguranças; como resistir e não desistir do processo; produtos a serem usados. Esse roteiro é o mesmo para a modéstia feminina.

Os motivos para fazer a transição, em todos os casos, referem-se sempre à libertação de uma vida, seguindo determinadas regras, à outra vida, livre dessas regras antigas. Como lidar com as críticas diz respeito ao fato, real ou imaginário, de que aquelas que passam pela transição, abandonando determinadas formas de viver, colocam-se contra as determinações sociais, que podem ser também reais ou imaginárias. Como acelerar a transição mostra um incômodo em passar por esse período, em que não se está em nenhum lado, mas em uma espécie de limbo. Como lidar com a insegurança e como resistir mostra-nos que a decisão de mudança precisa de apoio social. Os produtos a serem usados, seja nos cabelos, seja remédios, seja na alimentação ou na vestimenta, são apoios dados aos iniciantes para lidar com o processo sem desistir. Mas a transição é, também, uma mudança de *status*: de leigas indiferenciadas na Igreja e na sociedade a devotas da Virgem Maria, escolhidas por Deus, especiais.

A transição é, assim, uma iniciação. A transição parece ser experimentada como um rito de passagem, a mudança de um estado a outro, de uma identidade a outra. Van Gennep (1978) define ritos de passagem como ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social, idade. Turner (1974, p. 116) faz a distinção entre "estado" e "transição" e utiliza "estado" no lugar de *status* por ser mais amplo e se referir a "qualquer tipo de condição estável ou recorrente, culturalmente reconhecida".

Os ritos de passagem ou de transição são caracterizados por três fases – separação, margem, agregação. A fase de separação é o comportamento simbólico de afastamento do indivíduo ou de um ponto fixo anterior na estrutura social, ou

de um conjunto de condições culturais, de estado ou de ambos. No período intermediário ou margem, as características do indivíduo que faz a transição são ambíguas, é um período no qual há poucos ou quase nenhum dos atributos do passado ou do estado futuro. Na última fase, agregação, termina a passagem e o indivíduo permanece novamente em um estado relativamente estável, no qual se espera que ele se comporte de acordo com normas e padrões éticos que se vinculam a essa nova posição. Há implicitamente uma hierarquia, na qual o estado final é superior ao estado inicial.

Nas matérias sobre transição nos *blogs* e nos vídeos analisados, essas três fases são nítidas. A fase de separação inclui o reconhecimento da inadequação das roupas que as moças usavam normalmente em suas vidas:

Eu comecei a perceber que algumas meninas não usavam calça comprida e pensava "nossa, não usam calça". Eu não tinha consciência do que a calça significa. Na minha visão de mundo, quem usava só saia era protestante. Daí, comecei a ver as meninas e pensei que eu poderia melhorar minha maneira de vestir.

Esse reconhecimento é uma aprendizagem realizada por meio da convivência virtual com outras católicas adeptas da moda modesta. Mais do que aprendizagem, é uma mudança de percepção e de visão de mundo e, por isso, há a recomendação desse período de transição ou de passagem:

Como começar. Em primeiro lugar, dê uma olhada no seu guarda-roupa e, de cara, retire tudo aquilo que não dá mais, roupas com decotes grandes, shorts curtos, roupa muito justa.

Essa é a recomendação padrão e o relato mais comum das experiências para essa fase de separação. Abrir o guarda-roupa e reconhecer, identificar as roupas que não se encaixam na modéstia:

A primeira coisa que eu fiz foi abrir meu guarda-roupa, observar e tirar as blusas decotadas, roupas transparentes, roupa curta. Fiz aquela primeira limpa, daquelas coisas que não dá mais para usar, sabe? Então é isso que você vai fazer, tá?

A mudança para uma das moças foi natural, a partir de sua verdadeira conversão. Mas aconteceu aos poucos, a partir de sua reflexão sobre o significado de uma vestimenta modesta, o que se pode interpretar como processo de reenquadramento do significado das diversas vestimentas.

O incentivo, a partir de uma mudança de percepção de mundo, significada como reflexão, vem da dicotomia entre perfeição/imperfeição. A busca da perfeição é, assim, a busca da moda modesta. Em um comentário de um vídeo, uma moça escreve:

Estou sentindo o desejo de viver a modéstia, estou começando aos poucos, começando a adquirir as primeiras peças, e o meu interior está sendo modificado, estou me preparando para me consagrar a Jesus, pelas mãos da Virgem Maria.

A fase de transição – ou margem –, de acordo com Turner, é frequentemente comparada à morte, à invisibilidade. E, por isso, vivida, nos vídeos e *blogs* sobre transição, como um período difícil, que precisa de apoio para ser vivido e

ultrapassado. O comportamento do indivíduo nessa fase é normalmente passivo e humilde. Ainda segundo Turner, é "como se fossem reduzidas ou oprimidas a uma condição uniforme, para serem modeladas de novo, [...], para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida" (Turner, 1974, p. 118). Os indivíduos nessa mesma situação tendem a criar entre si uma intensa camaradagem e igualitarismo. As distinções de classe e de posição desaparecem. Essas fases são percebidas nos vídeos e *blogs* sobre transição. É uma fase vivida com sofrimento e nem os *blogs* e vídeos mostram tão bem quanto os comentários e dúvidas. Em um comentário, uma moça pergunta:

Oi, sou católica, gosto muito de usar saias, estou aderindo ao meu guarda-roupas, mas não uso somente saias. Como uma pessoa, que vive a modéstia deve se vestir para ir à academia, praticar atividades físicas na escola ou outras atividades físicas? Gostei muito do seu canal. Paz e bem!

E, recebeu uma resposta:

Olha, calças de moletom, que são mais folgadas são ótima opção, só uso elas, aboli a legging, a não ser no frio por baixo de vestido ou até de outra calça, mas enfim, me sinto bem de calça de moletom, porque não marca, e blusa normal, de camiseta de algodão e que tenha manga. Já da praia estou me adaptando kkkkk. Da última vez fui de roupa normal, mas estou tentando achar um maiô de manga que não seja decotado, dá pra usar com bermudas de cortes legais e tecidos mais leves, ou até de saia, com estampas coerentes e tecidos tbm, que não perca a elegância, mas tbm seja adequado ao lugar que você vai. Esses dias até a Isabella Fiorentino postou um modelo de short de uma coleção dela que dá pra usar na praia hahaha Beijoo.

Assim, os depoimentos sobre a transição sugerem os passos para a mudança de um guarda-roupa comum para um guarda-roupa modesto, gradualmente, para não "chocar a família", para que as pessoas se acostumem com o novo estilo.

Há, também, depoimentos sobre a última fase, agregação, quando se espera que a moça viva sua vida e se vista de maneira modesta:

Iniciei a modéstia sem a intenção de ser modesta. Sou católica de berço, mas minha família não me ensinou a modéstia... Comecei a usar apenas vestidos por causa da praticidade de ser uma peça única. Depois que comecei a estudar teologia e tornei esposa, tudo começou a fazer ainda mais sentido pra mim. Quando me tornei esposa, passei a me cuidar ainda mais do que me cuidava antes, além disso, uso vestidos e meu marido me acha muito elegante. Na adolescência fui muito rebelde e hoje sou romântica e recatada. Agradeço a Deus pela obra feita em minha vida.

Conclusão

As jovens blogueiras e suas comentadoras saem de um mundo não católico ou católico não praticante e buscam em um movimento católico leigo modelos seguros e visíveis de identificação, de convicções, de valores e um sentido para as suas vidas que elas não encontram em outro lugar. Saem de um mundo secularizado e entram em um movimento que fala em nome da religião católica, mas que não pertence organicamente à Igreja e que é um movimento "subterrâneo",

para usar a expressão de um bispo de Belo Horizonte. Eles e elas agem subterraneamente, ajudando no processo de diminuição da autoridade dos bispos e padres, em nome da tradição e da defesa do catolicismo.

O vestido modesto é usado – pelo menos falado – como símbolo de uma superioridade moral, que se nutre da prova oferecida pelo caso contrastante, as pervertidas, as feministas, as imorais que não querem agradar a Deus, que pecam e, mais além, levam os homens a pecar com suas vestimentas "indecentes". A prova máxima da bondade e da superioridade moral é a guerra ao mal. No vestido modesto, há a crença de que Deus está ao lado delas e contra as outras, que Deus abençoa as moças que pertencem a esse grupo de modéstia.

No *blog* "Por caritatem", pode-se ler o seguinte trecho sobre modéstia e pudor:

A "modéstia e o pudor" no campo cultural possuem grandes inimigos: maçonaria, marxismo, feminismo, programas de televisão, moda imodesta e toda a indústria pornográfica. É verdadeiramente difícil encontrar pessoas que tenham real noção do tamanho do problema, porque elas simplesmente já nasceram inseridas nesta cultura neo-pagã e mundana.

E há uma teoria conspiratória que desejaria destruir a modéstia, destruindo assim o catolicismo:

[...] os inimigos da Igreja planejam criteriosamente como destruir a moral, e vão conseguindo pequenos e sequenciados sucessos. Mas, enquanto eles certamente só ficariam satisfeitos quando vissem a sociedade chegando ao nível em que pedofilia, zoofilia, orgias e demais depravações fossem publicamente abertas e aceitas, a grande maioria dos católicos, por comodismo, falta de noção ou tão somente por apego à vaidade e sensualidade, estão dispostos a continuarem oferecendo gradativas vitórias aos inimigos, a partir do momento em que se escandalizam e rejeitam tão somente 'o que há de mais vulgar'. Assim, facilmente uma católica desta linha não aceitaria a ideia do topless ou do biquíni fio dental, mas se a este fossem adicionados, literalmente, somente mais alguns pouquíssimos centímetros, já se sentiria plenamente aceitável e moralmente justificada. Não seria de espantar se ocorresse que a neta desta suposta mulher católica já fosse naturalmente "adepta ao topless, mas contra o sexo público", enquanto que a bisneta dela já aceitasse esta última opção sem maiores problemas.

Assim, os inimigos da modéstia – maçonaria, marxismo, feminismo, programas de televisão, moda imodesta e toda a indústria pornográfica – devem ser combatidos. E o primeiro passo do combate é se vestir como uma católica modesta, mostrar os signos de uma identidade.

Voltando à pergunta inicial sobre os motivos que levam algumas mulheres a escolherem uma religião ou um movimento religioso que se opõe à igualdade feminina, não se pode, a partir dos dados e resultados da pesquisa, falar em empoderamento ou libertação da mulher que adere ao catolicismo de extrema direita e à moda modesta, como é a primeira interpretação apresentada por Avishai (2008). As jovens dos *blogs* e *vlogs* de moda modesta católica, assim como as suas comentaristas, não vivem em estruturas sociais que impedem o seu desenvolvimento social e humano. Observamos, ao contrário, que suas famílias se

incomodam com a mudança para uma religiosidade radical e são famílias não religiosas ou católicas não praticantes. A segunda resposta de Avishai refere-se ao pertencimento religioso como subversão. Também não é o caso das moças de extrema direita católica: ao contrário, elas propõem uma radicalidade maior do que a existente na própria Igreja Católica. Esse ponto é importante: elas são mais radicais do que o conservadorismo existente na estrutura da Igreja. Assim, temporariamente, parece que a nossa hipótese da terceira resposta proposta por Avishai é a que mais se aproxima do caso em estudo.

Parece que a adesão à extrema direita católica e à moda modesta radical proposta pelos *blogs* e *vlogs* são estratégias e apropriações de uma franja da religião católica para fins não religiosos, especialmente para a ideologia política e a afiliação cultural. A religião serviria como um repertório cultural, como um kit de ferramentas dinâmicas de habilidades e estilos (Swidler, 1986), a partir do qual as jovens da extrema direita católica constroem suas estratégias de ação propriamente política, da extrema direita política. Parece ser uma escolha, influenciada por grupos virtuais, da internet, mas uma escolha relativamente consciente.

Por outro lado, as mulheres da atual investigação "fazem religião" (Avishai, 2008; Montero *et al.*, 2018) em público na internet, nas Igrejas Católicas (onde elas são minoria) e, inclusive, nas famílias, contra as famílias, como se pode observar nos depoimentos. "Fazer religião" é um modo de conduta e de ser, uma performance de identidade, não apenas uma ação proposital ou estratégica. Avishai (2008) sugere que mesmo quando vista como uma estratégia, a religião pode ser feita na busca de objetivos religiosos e, neste caso, a meta de se tornar um sujeito religioso autêntico contra uma imagem de um Outro secular. Esse ponto vai de encontro às observações de Mahmood (2004) de que há, na literatura sobre religião, uma relutância a dissociar agência de ideias sobre escolhas, igualdade e emancipação. Ela propõe que projetos de autoria individual podem abranger uma teoria de agência que se baseia em uma conduta dócil. Avishai (2008), embora em dívida com a afirmação de Mahmood, leva essa ideia a uma direção diferente, à construção da religiosidade. A ênfase na agência como docilidade estaria em desacordo, segundo a autora, com estudos que demonstram que a docilidade também funciona como uma tecnologia de poder.

No caso das católicas da nova extrema direita brasileiras contemporâneas, esse Outro contra o qual elas se diferenciam não se refere apenas ao Outro secular, mas também às católicas não tradicionalistas. Pode-se, assim, pensar no caso em estudo seguindo o enquadramento sociológico da agência como uma busca proposital de fins extrarreligiosos, o enquadramento pós-colonial da agência como conduta dócil e o enquadramento feminista da observância como uma tecnologia opressiva de poder, como nas pesquisas de Avishai (2008).

A organização dos blogs

Os *blogs* de moda modesta católica fazem referência uns aos outros, inclusive com links. Além dessas, há referências – e *links* – constantes com o padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior e a Canção Nova, como fontes de conteúdo religioso.

A Canção Nova fornece vários conteúdos em seu site, em vídeos, mas também e principalmente em um evento presencial anual que se chama PHN⁴ – Por hoje não vou mais pecar –, para os jovens. O padre Paulo Ricardo sempre participa como pregador⁵. Os temas são sempre relacionados ao comportamento e à política. O evento é transmitido pela televisão e os vídeos são disponibilizados no YouTube, livremente.

Então, trata-se de uma rede de divulgação de conteúdos e enquadramentos e reenquadramentos de extrema direita política e católica, bem organizada, com divisão de trabalho nítida. Os *blogs* de moda modesta católica são apenas uma engrenagem nessa rede, que é transnacional, embora esse trabalho tenha focalizado apenas o Brasil. A rede é composta por empresários financiadores⁶, políticos de extrema direita e alguns religiosos. Embora existam poucos e pequenos grupos com sedes em algumas cidades, seu funcionamento é translocalizado e é virtual, utilizando exemplarmente a internet e as redes sociais como máquina de guerra.

As jovens de classe média dos *blogs* e *vlogs* voltam-se a um trabalho sobre si mesmas e sobre o outro de transformação de identidade, mas também de transformação de visão e divisão do mundo, de percepção. Como não pertencem a famílias católicas, não foram submetidas aos rituais da Igreja Católica durante a infância. Elas têm poucos conhecimentos da doutrina católica e repetem à exaustão os mesmos temas, as mesmas frases que saíram do material divulgado pelo já citado padre Paulo Ricardo Azevedo Júnior⁷, um padre diocesano de Cuiabá, uma das lideranças desse movimento de extrema direita católica. O que é percebido pelos tradicionalistas e católicos de extrema direita como influência do comunismo ou do marxismo cultural parece ser, na verdade, a decomposição do programa institucional de socialização dos indivíduos dentro da Igreja Católica, um processo longo, que se relaciona aos processos da modernidade.

O discurso da moda modesta aponta mais para um discurso político do que para um discurso propriamente religioso. É um discurso de resistência. Resistência a quê? Resistência às transformações recentes na sociedade brasileira. Resistência ao que eles pensam que seja comunismo, ao feminismo, ao igualitarismo, à liberdade. A ideia é que teria uma ordem nas relações sociais que foi desestruturada. O mundo não pode mudar, pois a mudança é assustadora, assim como assustadora é a perda de privilégios. Mas, principalmente, parece ser uma reação à expansão dos direitos sociais.

Por outro lado, esse movimento de extrema direita aponta para um processo semelhante ao descrito por Geertz (2004) para o Islã. Geertz distingue entre religiosidade e inclinação religiosa, entre ser possuído pelas convicções

religiosas e possuir as convicções religiosas. São distinções sutis, mas fundamentais para compreendermos o engajamento religioso das jovens na extrema direita católica e a moda modesta, como um símbolo visível e de distinção do grupo. As jovens da extrema direita católica celebram as crenças e não o que as crenças afirmam. Como, de acordo com Geertz (2004), há uma diminuição da força dos símbolos clássicos e não de seu apelo, que não diminuiu, as jovens fundam a validade da sua religiosidade na sua reputação espiritual e não no seu poder espiritual, daí a importância da aparência e das marcas. Há um deslocamento ou uma transformação “dos símbolos religiosos, de revelações imagéticas do divino, evidências de Deus, em afirmações ideológicas da importância do divino, emblemas da devoção” (Geertz, 2004, p. 73).

Ainda seguindo os estudos de Geertz sobre o Islã, pode-se inferir um processo semelhante nesse grupo de extrema direita católica e deduzir que, para esse grupo, a pergunta não é mais “O que devo acreditar?”, mas “como devo acreditar?”. A moda modesta parece ser uma das respostas a essa segunda pergunta.

REFERÊNCIAS

- AVISHAI, O. “Doing religion” in a secular world: Women in conservative religions and the question of agency. *Gender & Society*, 22 (4): 409-433, 2008.
- AZEVEDO JR. P. R. “Modéstia, como as mulheres devem se portar. Parte 1”. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0YgwYzVnJJc>. Acesso em 29/06/2023.
- BARTHES, R. Sistema de la moda. Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1978. 278 p.
- BARTHOLEYNS, G. Faire de l'anthropologie esthétique. *Civilisations*, (52) 2, 9-40, 2011.
- BOBBIO, N. Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. 129 p.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999. 160 p.
- BRUSTIER, G. Les tradismatiques à l'assaut du pouvoir. Fondation Jean Jaurès. 2017. Disponível em: <https://www.jean-jaures.org/publication/les-tradismatiques-a-lassaut-du-pouvoir/>. Acesso em 29/09/2023.
- CARDON, D.; DELAUNAY-TETEREL, H. La production de soi comme technique relationnelle. *Réseaux*, (4): 15-71, 2006.

- DELONG, M.; HEINEMANN, B.; REILEY, K. Hooked on vintage! *Fashion Theory*, 9 (1): 23-42, 2005. DOI: <https://doi.org/10.2752/136270405778051491>
- DEMORI, L. O criador. Radical católico da Espanha treinou extrema direita brasileira em 2023 com táticas que elegeram Bolsonaro. 18 ago. 2021. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/08/18/catolico-espanha-citizengo-treinou-extrema-direita-2013-bolsonaro/>. Acesso em: 28/05/2023.
- FERRAZ, R.; BARROS, D. M. Quem são os católicos ultraconservadores que vão às ruas por Bolsonaro. 8 set. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/quem-sao-os-catolicos-ultraconservadores-que-vaao-as-ruas-por-bolsonaro/>. Acesso em: 24/05/2022.
- GEERTZ, C. Observando o Islã. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2004. 144p.
- GREGSON, N., BROOKS, K., & CREWE, L. Bjorn again? Rethinking 70s revivalism through the reappropriation of 70s clothing. *Fashion Theory*, 5(1), 3-27, 2001. DOI: <https://doi.org/10.2752/136270401779045716>
- JAY, K. "In Vogue with Mary". How catholic girls created an urban market for modesty". In: GIGGIE, J. M.; WINSTON, D. H. (ed.). *Faith in the market: religion and the rise of urban commercial culture*. New Brunswick, Rutgers University Press, 2002, p.177-198.
- KUNDERA, M. A insustentável leveza do ser. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 312 p.
- KUNDERA, M. *Le rideau*. Paris, Gallimard, 2005. 196 p.
- LAKOFF, G. Don't think of an elephant! Know your values and frame the debate. Chelsea, Chelsea Green Publishing, 2014, 195 p.
- LAWTON, M. O que é a 'moda modesta', tendência em alta entre mulheres ao redor do globo. 1 jan. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-50540923?ocid=socialflow_twitter. Acesso em: 10/06/2020.
- LETT, C. *Le prétexte du vêtement: sociologie du genre au prisme des pratiques vestimentaires*. Grenoble, França. Tese de Doutorado em Sociologia. Université Grenoble Alpes, 2016. 405 p.
- MAHMOOD, S. *Politics of piety*. Princeton, Princeton University Press, 2004. 256 p.
- MAUSS, M. Les techniques du corps. *Journal de Psychologie*, XXXII (3-4): 271-293, 1936.
- MOLES, A. A. *Le kitsch: l'art du bonheur*. Paris, Mame, 1971. 247 p.
- MONTERO, P., SILVA, A. L., & SALES, L. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. *Horizontes Antropológicos*, 24, 131-164, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000300006>.
- SILVEIRA, E. J. S. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*, 43(2):289-309, 2018. DOI: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v43n2a4336>.
- SIMPSON, P. A. Mobilizing meanings. *Translocal identities of the far right web*. *German Politics and Society*, 34(4), 34-53, 2016.
- SOFIATI, F. M. *Religião e juventude: os novos carismáticos*. São Paulo, Ideias & Letras, 2011. 380 p.
- SOLOMON, R. C. On kitsch and sentimentality. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 49(1):1-14, 1991. DOI: <https://doi.org/10.2307/431644>.
- SWIDLER, A. Culture in Action: Symbols and Strategies. *American Sociological Review*, 51 (2): 273-286, 1986. DOI: <https://doi.org/10.2307/2095521>.
- TEIXEIRA, J. M. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood. *Religião & Sociedade*, 34:232-256, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-04382014000200012>.
- TOLKIEN, T. *Dressing up vintage*. New York, Rizzoli, 2000. 168 p.
- TURNER, V. W. *O processo ritual*. Petrópolis, Vozes, 1974. 245p.
- VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978. 181p.